



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

## **FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E PROMOÇÃO DE  
TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

**BÁRBARA DE OLIVEIRA LIMA RODRIGUES**

**SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS NO CONDOMÍNIO MACHADO DE ASSIS NO  
MUNICÍPIO DE FORTALEZA: DESAFIOS DO TRABALHO COM A RECICLAGEM**

**EUSÉBIO – CE**

**MARÇO DE 2020**

BÁRBARA DE OLIVEIRA LIMA RODRIGUES

**SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS NO CONDOMÍNIO MACHADO DE ASSIS NO  
MUNICÍPIO DE FORTALEZA: DESAFIOS DO TRABALHO COM A RECICLAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará.

Orientadora: Profa. Msc. Mayana de Azevedo Dantas

EUSÉBIO – CE  
MARÇO DE 2020

Catálogo na fonte  
Fundação Oswaldo Cruz  
Escritório Técnico Fiocruz Ceará  
Biblioteca Fiocruz Ceará  
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R696s Rodrigues, Bárbara de Oliveira Lima.  
Sistematização de Experiências no Condomínio  
Machado de Assis no Município de Fortaleza: Desafios do  
Trabalho com a Reciclagem. / Bárbara de Oliveira Lima  
Rodrigues. – 2020.  
35 f.

Orientadora: Profa. Ms. Mayana de Azevedo Dantas.  
TCC (Especialização em Educação Popular e Promoção  
de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) –  
Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE, 2020.

1. Reciclagem. 2. Sistematização de Experiências.  
3. Trabalho. 4. Lixo. I. Título.

CDD – 362.1068

BÁRBARA DE OLIVEIRA LIMA RODRIGUES

SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS NO CONDOMÍNIO MACHADO DE  
ASSIS NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA: DESAFIOS DO TRABALHO COM A  
RECICLAGEM

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz-CE como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

---

Prof. Ms. Mayana de Azevedo Dantas (Presidente/Orientador)  
Universidade Estadual do Ceará

---

Prof. Dr. Edenilo Baltazar Barreira Filho  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dra. Vanira Matos Pessoa  
Fiocruz Ceará

Data da Aprovação: \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2020

EUSÉBIO-CE

## **AGRADECIMENTOS**

A todos educadores-educandos e educandos-educadores do Curso De Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido por perseverarem mesmo diante de tantas intempéries.

Aos militantes do MTD e moradores do condomínio Machado de Assis, que nos acolheram e possibilitaram um aprendizado gigantesco.

A meu pai Regis Lima Rodrigues, por seu amor e apoio em todos os momentos.

À minha mãe Maria Aparecida de Oliveira por motivação e valorização.

Aos meus queridos irmãos Andrezza Rodrigues e Vital Rocha, nos quais me inspiro diariamente e amo profundamente.

A meu esposo Raphael de Alcântara do Carmo por ser o ser humano mais amoroso do mundo.

À minha orientadora Mayana de Azevedo Dantas pela paciência e disponibilidade para nos ajudar na conclusão de nossas atividades.

À Sara Ortins pela parceria e apoio na trajetória.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso resulta de uma sistematização de experiências feita no Condomínio Machado de Assis, realizada a partir do Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. A sistematização deu-se com a participação dos membros do Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos - MTD e dos moradores do condomínio que trabalham na reciclagem. O estudo tem como objetivo geral problematizar o trabalho de reciclagem vivenciado pelos trabalhadores do MTD e moradores do condomínio e sua relação com a luta por direitos. Como metodologia, utilizou-se a sistematização de experiências do autor Oscar Jara Holliday. Como resultado, é possível destacar o papel do MTD na conscientização ambiental e politização da comunidade para ampliação de direitos.

**Palavras-chave:** Reciclagem. Sistematização de Experiências. Trabalho. Lixo.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

COVID - 19 - Coronavirus Disease 2019

DIST - Desenvolvimento Integrado e Sustentável de Território

FIOCRUZ-CE - Fundação Oswaldo Cruz - Ceará

LGBTQI+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer ou Questionadores, Intersexo e mais

MLM - Movimento de Luta por Moradia

MST - Movimento Sem Terra

MTD - Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos

NEPPSA - Núcleo de Estudos e Práticas Permaculturais do Semiárido

TC - Tempo Comunidade

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TE - Tempo Escola

## SUMÁRIO

1.Introdução.....	6
2. Metodologia.....	14
3. Reflexões De Fundo.....	17
3.1. Histórico da reciclagem no Condomínio Machado de Assis.....	17
3.2. Reciclagem e luta por direitos.....	20
3.3. Os desafios do trabalho com a reciclagem.....	26
4. Os pontos de chegada.....	33
Referências Bibliográficas.....	35



## 1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado do convívio do tempo em comunidade no Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. O curso objetiva:

(...) contribuir com a qualificação e fomento à educação permanente e organização político-social de trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS) e de militantes dos movimentos, coletivos e práticas no sentido de subsidiá-los a contribuir de maneira crítico-reflexiva com o processo de implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS. (FIOCRUZ, 2018)

O curso é composto de Tempo Escola e Tempo Comunidade. No Tempo Escola, realizamos tanto discussões teóricas, como discutimos e socializamos nossas ações experienciadas no Tempo Comunidade. Essa dinâmica, além de ser uma forma de conhecer as diversidades presentes em diferentes territórios e suas necessidades específicas, mostra também os inéditos-viáveis construídos nos cotidianos desses espaços transpondo, assim, as situações-limites, o que mobiliza e inspira outras iniciativas.

Inseri-me no curso em um momento repleto de incertezas, inseguranças na minha vida, as quais se relacionam com um momento político e econômico desfavorável, junto ao desemprego e desesperança. Sempre tive uma visão mais questionadora sobre a realidade e, talvez, o motivo fosse a situação socioeconômica da minha família muito difícil, muita pobreza. Eu não me conformava. Muita também foi a vontade de transformar isso. Para mim, normatizar essas condições nunca foi fácil. Sempre achei muito injusto meu pai trabalhar tanto e, ainda assim, não conseguirmos coisas básicas para a sobrevivência.

Desde que iniciei meus estudos acadêmicos no Serviço Social e dei continuidade com a Pedagogia, aprofundi-me mais sobre política e tentei me engajar em algumas lutas, como LGBTQI+, feminismo, sempre esperando por um mundo mais justo. Em meados de 2014, fiz parte, por alguns anos, de um movimento social que luta em prol de habitação, o MLM, Movimento de Luta por Moradia. Participava frequentemente de manifestações e ocupações. Essa vivência me fez crescer politicamente.

Em 2018, fiz uma disciplina no curso de Pedagogia denominada Educação do Campo e Movimentos Sociais, ministrada pela professora Célia Brito. Essa disciplina fez com que eu conhecesse um pouco mais de movimentos fora do meio urbano e sobre as especificidades do campo, tendo lido sobre a educação popular nesses contextos. Nessa disciplina, foi divulgada a existência do Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. Fiquei tão encantada que resolvi me inscrever sem ter muita esperança de conseguir e aqui estou já concluindo e feliz por tudo o que estou aprendendo.

Foi um desafio grande a permanência dos alunos no Curso, tendo em vista as iniciativas governamentais que interromperam o envio de recursos. A educação popular não é uma prioridade em um governo neoliberal que tem fortes tendências ao autoritarismo. Negar os recursos foi uma forma de nos censurar, mas, ainda assim, fomos resilientes e conseguimos dar continuidade, graças aos esforços dos educadores-educandos e educandos-educadores. A educação popular tem consigo uma práxis de extrema oposição ao presente governo, ao neoliberalismo e a esse autoritarismo:

(...) uma das conotações fortes do discurso neoliberal e de sua prática educativa no Brasil e fora dele, a recusa sistemática do sonho e da utopia, o que sacrifica necessariamente a esperança. A propalada morte do sonho e da utopia, que ameaça a vida da esperança, termina por despolitizar a prática educativa, ferindo a própria natureza humana. (FREIRE, 1992, p.56)

Experienciar este curso em um momento histórico tão delicado, que parece apocalíptico muitas vezes, contribuiu para não cair no fatalismo, já que foram visibilizados os trabalhos de formiguinhas extremamente relevantes e transformadores. A proposição, a construção nos motiva. A denúncia deve vir com o anúncio. Esses elementos de anúncio e denúncia foram demarcados pelas atividades feitas no Tempo Comunidade. Jinkings e Nobile (2011) reforçam essa ideia numa proposta mais radical, quando, ao dissertarem sobre o pensamento de István Mészáros, afirmam que a classe proletária deve ir além do sentido de ser coveiro da velha ordem burguesa, devendo ser, portanto, parteiro da nova sociedade de produtores auto-organizados.

No Tempo Comunidade, concretizamos e socializamos muito do que

aprendemos com os sujeitos presentes no território, visibilizamos propostas que são contra-hegemônicas, uma vez que trazem construções que contribuem para um horizonte que vá além da normalidade burguesa presente. E, assim, conseguimos construir, de maneira coletiva, novos saberes, práticas e olhares para o que está sendo e o que já fora construído.

É fundamental aproximar e visibilizar as relações entre conhecimento, práxis e trabalho. O conhecimento adquire-se na ação-reflexão (práxis). O trabalho, por ser uma ação reflexiva, também é práxis, sendo assim, constrói-se conhecimento nele também. Foi sabendo desses conceitos e suas conexões que pude perceber o quão se conectavam com o curso, uma vez que ação e reflexão estavam sempre presentes.

Freire (1978) no livro “Pedagogia do Oprimido”, em uma nota de rodapé, disponibiliza uma síntese do que seria a práxis. Ele define como uma ação reflexiva. Ou seja, uma ação que esteja articulada com a prática, não havendo prejuízo de nenhum dos dois elementos. Fernandes (2019, p. 41) diz que “(...) a práxis freiriana não trata a teoria como separada, mas complementar à prática, e assim as une dialeticamente”. Freire (1978, p. 145) ressalta essa práxis como algo intrínseco do ser humano, já que diferentemente de outros animais, ele emerge do mundo podendo transformá-lo por meio do trabalho. Aqui, Freire estabelece uma importante relação de práxis com trabalho.

Lessa e Tonet (2008) ao dissertarem sobre o conceito de trabalho expressam a relação deste objeto com o conhecimento. O trabalho é resultado de uma prévia-ideação e objetivação. Ou seja, homem ou mulher imaginam algo possível de ser construído com as condições materiais presentes e executa. Acontece que esse movimento sempre está acompanhado de conhecimentos prévios que são sócio-historicamente acumulados. Outro ponto é que é na execução do trabalho que a humanidade adquire conhecimento, uma vez que, nesse constante contato entre a natureza e a humanidade, consegue adquirir novas experiências e observações. Estas, por sua vez, irão contribuir para novas práticas no trabalho. Essa é a dialética do conhecimento e do trabalho, a qual encontra-se ligada com a práxis.

As experiências do Tempo Escola - TE conectavam-se com o que estava sendo construído nas atividades do Tempo Comunidade - TC, uma vez que o Curso trabalhou o conceito de práxis de maneira metodológica. A vivência do TE

influenciava nossas práticas no TC, em equivalência, as experiências do TC somavam-se e integravam-se à teoria, modificando e gerando aprofundamento crítico sobre a realidade. A teoria apreendida no TE estava sempre em movimento, uma vez que as ações-reflexivas do TC as compunham. As ações no TC estavam sempre sendo reformuladas, indagadas, modificadas, encontravam-se dinâmicas, uma vez que as reflexões são permanentes e a teoria também.

Foi no TE que fomos apresentados a uma construção de atividades que poderiam ser produzidas no TC. Solicitamos que fizéssemos contato com os sujeitos dos territórios com os quais pretendíamos atuar para a realização de 3 atividades: a Cartografia Social, a Sistematização de Experiências e a Intervenção.

A Cartografia foi destinada a conhecer e mapear o território de maneira que se pudesse refletir sobre elementos socioculturais e ambientais que promovem saúde ou que a ameaçam. Ela é um elemento constituinte dos outros dois processos feitos no TC.

No território, expressam-se múltiplas contradições, diferentes problemáticas que resultam dessa dialética presente nas relações humanas, sobretudo no sistema capitalista. Dessa maneira, todo território apresenta suas especificidades, necessidades. A Intervenção é uma ação coletiva que busca melhorar um determinado problema social que ameaça a qualidade de vida e a saúde do território.

Vivenciamos um momento de muita desesperança, ataque aos movimentos sociais, à esquerda, à educação, a tudo o que possibilite uma práxis emancipatória. A desesperança desmobiliza, desmotiva a luta. Como mostra Paulo Freire (1997, p. 5): “Como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo”. A luta tem como base a construção de algo novo e, portanto, conecta-se fortemente com os sentimentos de esperança, no entanto, ela deve ser não uma espera, mas uma ação transformadora. Sobre isso, Freire (1997, p. 5) afirma:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas, sem ela, a luta

fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída.

Casimiro (2018) contextualiza o tempo histórico presente quando diz que, nos últimos anos, temos acompanhado um significativo avanço da direita no Brasil. Discursos de ódio sobre minorias, movimentos sociais e sindicais, professores, ataque às concepções de esquerda, aversão ao que é estatal e exaltação do mercado têm sido algumas das manifestações dessa espécie de refluxo reacionário.

A conjuntura fascista presente massacra, traumatiza, desestabiliza faz com que percamos a esperança da construção do novo. Lidar com a “tempestade” de tragédias, retrocessos com relação à qualidade de vida da classe trabalhadora, à liberdade em lutas de diversos movimentos sociais, impacta, fragiliza a saúde mental coletiva. É possível afirmar que a tristeza, a melancolia e a exaustão são muito presentes. Afinal, é difícil manter positividade quando as proposições frente à barbárie não são vistas. Por conta disso, reflito que sistematizar experiências, para além da reflexão sobre a própria vivência, motiva-nos a agir e transformar, mostrando o que foi possível construir na união de pessoas comprometidas com bem-estar social, reativando, assim, a esperança adormecida.

O conceito de trabalho é muito discutido entre autores marxistas. Lessa e Tonet (2008) sintetizam as reflexões de muitos autores como Karl Marx, Engels e Lukács sobre o termo. O trabalho pode ser, segundo eles, definido como a relação do homem com a natureza onde o ser humano a transforma no intuito de que essa alteração atenda às suas necessidades.

No decorrer da história, essa articulação homem-natureza têm gerado impactos ambientais agravados, principalmente, no período pós-revolução industrial quando as forças produtivas se ampliaram no capitalismo. Nesse sistema econômico em que a minoria da população detentora dos meios de produção busca ampliar seus lucros, as questões ambientais são, frequentemente, secundárias. Dessa forma, mostram-se tão importantes quanto pensar as condições de trabalho do proletariado. Querido (2016, p. 29) explicita que:

O aparelho produtivo e tecnológico capitalista é destrutivo não apenas porque está a serviço do capitalismo, mas também porque suas formas de realização obedecem, até mesmo em seus alicerces internos, aos imperativos do sistema [...]

Um elemento gerado, nessa relação da natureza com o homem, é o lixo. Origina-se tanto nas atividades industriais em larga escala, quanto nas domiciliares. O acúmulo dos resíduos está prejudicando os ecossistemas e a vida humana. Como maneira de amenizar os impactos às sociedades humanas, várias profissões intervêm nesses materiais, transformando-os, afastando-os dos grandes centros urbanos e, no caso dos catadores, reciclando-os.

Maurício Waldman (2010, p. 69 *apud* ABRAMOVAY, SPERANZA E PETITGAND, 2013, p. 27) diz que, antes da Revolução Industrial, "(...) os materiais eram descartados numa escala bem menor, eram degradáveis e ofereciam pouco perigo". Logo, nem sempre o ser humano, durante o trabalho, impactou o meio ambiente com materiais descartáveis inorgânicos, no entanto, essa parece ser uma característica marcante do capitalismo. Zanin e Mancini (2015, p. 15) mostram que:

Nos últimos 30 anos, o desenvolver do conhecimento sobre a interação do homem e a Natureza, a capacidade de recursos materiais/energéticos do planeta, o aumento do volume de resíduos e sua destinação, a transformação do meio físico e perspectiva de crise energética e de água potável, entre outros tópicos, propiciaram uma nova visão para os problemas que relacionam os resíduos e a Natureza.

A questão ambiental, desde então, passou a ganhar uma certa visibilidade que é acompanhada de práticas que visam a diminuição dos impactos que o modelo de produção causa. Mas será que essas práticas são suficientes? Até onde, nas limitações do modelo econômico hegemônico é possível agir para solucionar esses problemas?

Hoje há uma oposição à política tradicional baseada em um modelo linear de desenvolvimento que tem, como premissa, o meio ambiente como uma fonte inesgotável de recursos materiais e energéticos. Estrutura-se atualmente outra maneira de lidar com os recursos onde se pensa a sustentabilidade. A reciclagem é uma das maneiras que se expressa essa tendência (ZANIN e MANCINI, 2015).

Por outro lado, para Lavorato (2006 *apud* MENEZES, 2017, p.19), o aumento do consumo de recursos vem em ascensão desde a primeira Revolução Industrial no século XVIII. No ano de 2006, o mercado chega a consumir 20% a mais de matérias primas além da capacidade de absorção, ocasionando problemas sérios no ambiente global, mostrando o quanto a sociedade está atrasada em discutir os impactos negativos deste consumo. Para Ricardo

Abramavoy (2013, *apud* MENEZES, 2017, p.19), o início dessa discussão sobre o meio ambiente foi tardio, acontecendo após a II Guerra Mundial quando se iniciou um movimento embrionário na difusão da gestão do meio ambiente.

As ações que hoje são executadas, são muito tímidas diante das ameaças que resultam do modelo de sociedade em vigor, como a emissão de gases poluentes, ocasionando problemas de saúde nos seres vivos, o aumento da temperatura terrestre, além do lixo e de seus impactos ambientais.

Tendo esse panorama em vista, qual o papel dos trabalhadores da reciclagem? Eles agem dentro das limitações do sistema em vigor, em prol da redução de danos. Eles representam um papel substancial na reprodução de um novo olhar sobre o meio ambiente, saindo do modelo linear, tendo como horizonte a sustentabilidade. No caso dos trabalhadores do condomínio Machado de Assis, eles se organizam em um movimento social: o Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos - MTD. Menezes e Cardoso (2017) associam a origem do MTD com a crise econômica do final da década de 90 e início de 2000, em que o desemprego e a miséria eram vistos, de forma muito clara, tanto no meio rural como no urbano.

Nesse contexto, o Movimento surge da necessidade de uma luta no espaço urbano que possa mobilizar os trabalhadores desempregados e precarizados na busca por direitos. Os motivos que levaram à organização são que “as consequências sociais do desemprego para os trabalhadores, cada vez mais precarizados, aproximam-nos da perda de direitos sociais como: moradia, educação, saúde e, obviamente, a falta de trabalho” (MENEZES E CARDOSO, 2017, p. 114).

O presente estudo tem como objetivo geral problematizar o trabalho de reciclagem vivenciado pelos trabalhadores do MTD e moradores do condomínio e sua relação com a luta por direitos. De forma específica, objetivamos: descrever o processo histórico de construção do condomínio e do início da reciclagem; refletir como a reciclagem contribui para o fortalecimento da luta por direitos e para a superação de desemprego; identificar os desafios deste processo.

A importância desse estudo está no fato de podermos problematizar e enxergar com maior profundidade as potencialidades do território; refletir sobre o trabalho de reciclagem, seus desafios, o engajamento da comunidade e o protagonismo do MTD nesse processo. Outros dois aspectos são relevantes no

que tange à relevância deste TCC. O primeiro diz respeito à escassez de estudos no que se refere à reciclagem associada a um movimento social. Pesquisei artigos e poucas produções foram encontradas que tratam sobre tal assunto. O segundo é a ausência específica de estudos que analisam a experiência da reciclagem no condomínio Machado de Assis.

## 2. METODOLOGIA

Este texto resulta da nossa inserção no condomínio Machado de Assis a partir do Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido realizado pela Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz-CE.

Como método, foi escolhida a sistematização de experiências que foi realizada coletivamente com os militantes do MTD. As referências obtidas sobre o ato de sistematizar experiências foram adquiridas na obra de Oscar Jara Holliday (2016) Para Sistematizar Experiências que se apresentou como um guia e elucidando sobre como e por qual motivo sistematizar. Holliday (2006, p. 24), sintetiza o ato de sistematizar como uma:

[...] interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionam entre si e porque o fizeram desse modo.

Desta forma, este método segue, de maneira ordenada, uma organização própria que facilita a análise e a reflexão sobre uma determinada experiência. Holliday (2006, p. 8) fundamenta a sistematização de experiências na Concepção Metodológica Dialética:

[...] que entende a realidade histórico-social como uma totalidade, como processo histórico: a realidade é, ao mesmo tempo, una, mutante e contraditória porque é histórica; porque é produto da atividade transformadora, criadora dos seres humanos.

A sistematização de experiências, sob essa ótica, visa reconstruir uma vivência única, com elementos singulares que foram construídos pelos agentes daquele território de maneira dinâmica, uma vez que as transformações são



contínuas, assim como as suas possibilidades de atuação. Por fim, estas, vão sendo transformadas, já que os contextos se alteram e, com eles, as possibilidades.

A visão dialética sobre o território, as relações humanas e a cultura são uma base importante para justificar a sistematização de experiências. Ora, as visões de mundo, os conhecimentos, a economia, a sociedade, apresentam-se em movimento. Esse se dá por meio da existência das contradições inerentes ao modelo socioeconômico vigente.

No meio de todas essas contradições, as ações humanas apresentam um protagonismo real na alteração da materialidade. Sistematizar experiências visibiliza as ações humanas que alteram a materialidade, permitindo uma reflexão sobre ela. Os resultados dessa reflexão mostram-se nas novas ações sucessivas à reflexão.

De maneira sintetizada, sistematizar experiências permite um olhar sobre as ações em um local, feitas pelos protagonistas responsáveis por elas. Esse olhar crítico pode possibilitar uma mudança na práxis. Além disso, permite socializar a experiência de modo que os conhecimentos acumulados na vivência possam ser utilizados por pessoas que não necessariamente a vivenciaram.

A sistematização de experiências foi concretizada por nós inicialmente no território do Condomínio Machado de Assis, localizado na rua G do Conjunto Residencial dos Escritores, número 255 no bairro Paupina da cidade de Fortaleza, estado do Ceará. Este é um dos vários condomínios construídos pelo Programa Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal que objetiva facilitar a aquisição da casa própria para diferentes perfis socioeconômicos. O condomínio Machado de Assis, foi uma iniciativa que buscava atender o perfil socioeconômico de faixa 1 do Programa. Esta faixa atende famílias com até dois salários mínimos que não possuem habitação própria (O QUE, 2020). O Condomínio é um dos muitos das proximidades, sendo parte de um conjunto habitacional maior, chamado Escritores. As atividades propostas tiveram, como participantes, além de nós, estudantes do Curso, os membros ativos do MTD

Holliday (2006) recomenda que o processo de sistematizar experiências ocorra em etapas, pelas quais seguimos durante todo percurso. Na sistematização coletiva, o ponto de partida foi a Cartografia Social.

Neste trabalho, procedo a um processo de sistematização individual ancorado na sistematização coletiva que foi nosso ponto de partida e do qual participei do processo de todas as etapas da experiência sistematizada.

Segundo Holliday (2006), o ponto de partida é o momento em que se parte da própria experiência definindo o que, dela, queremos sistematizar, bem como os sujeitos que irão sistematizá-la. É fundamental, como propõe o autor, que os participantes tenham vivenciado a experiência e que guardem registros dela, pois servirão de base para recuperar essa memória. A seguir, o autor propõe que se formulem as perguntas iniciais a serem apresentadas como uma orientação fundamental para definir e alcançar os objetivos, bem como, elaborar o plano de sistematização. Nesta sistematização individual, esta etapa correspondeu à definição dos objetivos deste trabalho e elaboração do caminho metodológico.

O terceiro momento trata da recuperação do processo vivido. Para tal, revisei os materiais produzidos na sistematização coletiva, ou seja, o videodocumentário e o relatório de sistematização que serão a base do relato que faremos no corpo do trabalho. Como quarto passo, o autor traz a necessidade de fazer as reflexões de fundo onde se problematiza a experiência no intuito de perceber os motivos que a fizeram acontecer tal como se sucedeu. Nesse momento, a dialogicidade, conceito muito trabalhado por Freire (1978), deve ser posta em prática, uma vez que respeitar os sujeitos, suas culturas, suas experiências são extremamente importantes para que, de fato, consiga-se ampliar os saberes, aprofundando-os.

Neste trabalho, as reflexões de fundo terão como base uma articulação dos saberes produzidos na sistematização coletiva, problematizando-os com base nos objetivos deste trabalho e promovendo diálogos com reflexões teóricas vivenciados no TE e em pesquisa bibliográfica com referência na temática que escolhi aprofundar.

Por fim, o autor nos propõe os pontos de chegada, cujo objetivo é trazer conclusões que sintetizam os aprendizados adquiridos durante a experiência (HOLLYDAY, 2006). Neste caso, os pontos de chegada substituirão as tradicionais “considerações finais” ou “conclusões”.

### **3. AS REFLEXÕES DE FUNDO**

#### **3.1 Histórico da reciclagem no Condomínio Machado de Assis**

Nesta etapa do trabalho, irei historicizar o processo da reciclagem, tendo como referência, o relatório da sistematização de experiências (atividade feita ao término do processo da sistematização coletiva), bem como o vídeo que foi produto desta vivência (Reciclagem no Condomínio Machado de Assis, 2019).

O condomínio, juntamente com outros semelhantes e adjacentes, é fruto do Programa Minha Casa Minha Vida, sendo do tipo 1, ou seja, destinado a famílias que ganham até dois salários mínimos. Essas famílias sofrem com a falta de serviços públicos básicos. Tudo é muito distante e o transporte coletivo não se adequou à imensa demanda local.

Consta no Relatório de Sistematização (2019), um resumo das sínteses das discussões, onde moradores do condomínio justificam a escolha da reciclagem para ser sistematizada, já que é uma experiência muito marcante e positiva para a coletividade. A promoção de saúde é evidente e, em seus discursos, é presente a preocupação com o meio ambiente, que está intimamente ligado com a saúde das pessoas. Afinal, a preservação ambiental é uma maneira de proteger qualquer tipo de vida no planeta, inclusive a humana. A sistematização evidenciou os desafios do processo, bem como a importância da organização do MTD que tornou possível os avanços com relação à diminuição dos impactos ambientais, limpeza do local e proximidades, assim como a renda adquirida com coleta seletiva e reciclagem.

As pessoas que participaram dessa reunião são integrantes do MTD, têm histórico de uma luta, juntamente com outros companheiros na conquista de moradia. Eles já alcançaram esse objetivo, uma vez que já moram nos apartamentos ofertados pela prefeitura, pelo programa Minha Casa Minha Vida, destinado às pessoas da primeira faixa, a de menor renda. Entretanto, o MTD não se limita à aquisição da moradia. Por conta disso, mantém o movimento vivo em prol de ações que busquem a melhoria pela qualidade de vida, reivindicando acesso à saúde, transporte, educação, emprego, dentre outros.

Segundo o Relatório da Sistematização Coletiva (2019), em nossa primeira reunião referente à sistematização, solicitamos que os participantes elegessem uma linha temporal na qual delimitassem os acontecimentos importantes no que tange à reciclagem. Eles escolheram partir desde meados de 2016, quando se iniciaram as primeiras atividades com materiais recicláveis, até os dias atuais. Mas por que a reciclagem e não outras experiências que se apresentam fundamentais no que se refere à promoção de saúde no condomínio? No decorrer do processo, percebemos que os discursos que justificavam a ação da reciclagem quase sempre se ligavam aos cuidados com o meio ambiente.

Estes são alguns dos fatos marcantes sintetizados, a partir dos relatos dos trabalhadores:

A primeira atividade feita com materiais recicláveis foi a banda de lata, sendo utilizadas latas de querosene como instrumentos musicais e envolvendo crianças, adolescentes e até adultos em atividades de arte e cultura (Relatório da Sistematização Coletiva, 2019).

Em fevereiro de 2018, como resultado de capacitação do Projeto de Desenvolvimento Integrado e Sustentável de Território - DIST, iniciou-se o trabalho de reuso do óleo de cozinha para produção de sabão ecológico. A partir daí, algumas mulheres da comunidade fizeram um trabalho de conscientização para que o óleo de cozinha fosse doado ao invés de ser descartado de maneira inadequada. Com isso, conseguimos complementar a renda e contribuir para a redução de danos ambientais. (Relatório da Sistematização Coletiva, 2019).

Ainda de acordo com o relatório, desde então, o trabalho de conscientização tornou-se sistemático e contínuo no condomínio. Por meio de reuniões, que tinham, como tema, o meio ambiente, conseguiram mobilizar algumas pessoas da comunidade que se tornaram agentes mobilizadores do restante dos moradores. Eles começaram a se organizar com o intuito de fazer com que a coleta seletiva se tornasse para dentro da comunidade. Para isso, realizaram entrevistas e diálogos conscientizadores com moradores entre março e setembro de 2018 com o objetivo de falar sobre a importância da reciclagem e perguntar se o morador gostaria de receber um balde de margarina reutilizado de tamanho médio para que fossem descartados os restos de alimentos, separando o lixo molhado do lixo seco. A receptividade dos moradores foi boa. Muitos aderiram à ideia. Nesses baldes, eram colocados adesivos que falavam da importância da reciclagem e da coleta seletiva.

Em outubro de 2018, um fato importante possibilitou que a comunidade conseguisse separar eficientemente esse lixo: a construção da casinha de coleta seletiva. Os moradores passaram a despejar, na casinha, o lixo possível de ser reciclável. As pessoas que trabalham na coleta seletiva ficam responsáveis por separar esse lixo e, posteriormente, levá-lo para o galpão de reciclagem. Em dezembro de 2018, tentaram se engajar, no trabalho de reciclagem na casinha, dois rapazes do condomínio. O trabalho cansativo e o baixo retorno financeiro da atividade fizeram com que se desmotivassem e, por conta disso, desistiram cerca de 3 meses depois (Relatório da Sistematização Coletiva, 2019).

No processo da sistematização coletiva, apareceu a referência à entrevista realizada em março de 2019 por uma rádio comunitária com uma das trabalhadoras que foi divulgada no Youtube. Nesse momento, ela pôde expressar a importância da reciclagem e falar um pouco das experiências vividas no condomínio.

O relatório de sistematização (2019) faz referência ainda a uma gincana cuja divulgação iniciou-se em maio de 2019, a qual visava engajar mais ainda os moradores nas práticas de coleta seletiva e no descarte adequado do óleo de cozinha. Para motivá-los, definiu-se que as pessoas que conseguissem trazer maiores quantidades de ambos os materiais conseguiriam prêmios. O 1º lugar ganharia um aparelho de som e o 2º lugar, uma cesta básica. O 1º lugar responsável por levar a maior quantidade de óleo de cozinha usado ganharia uma cesta básica também. O resultado dos ganhadores foi divulgado no Sarau realizado no dia 08 de junho de 2019. No vídeo (Condomínio Machado de Assis, 2019) que é produto da sistematização, uma das participantes afirma:

[...] Isso que nós estamos realizando hoje é a gincana da coleta seletiva de resíduos sólidos do Machado de Assis [...] e temos algumas dificuldades por quê...? Por que as famílias ainda não se habituaram a separar nem o lixo seco do molhado e muito menos por tipo de resíduo. (Reciclagem no Condomínio Machado de Assis, 2019)

A gincana é, então, uma tentativa de motivar e mudar as práticas para que a reciclagem passe a ter uma maior adesão. Outra fala importante do vídeo, diz respeito à importância do movimento que é um grupo que já vinha pensando em como mobilizar a comunidade para solucionar problemas.

Já existe um grupo organizado, um grupo que vinha pensando como tratar essas situações dentro da nossa comunidade, não só a questão da reciclagem, mas a questão de som alto, a questão de cocô de animais... [...] Isso deu certo, porque tinha essa equipe que vinha pensando fazer esse trabalho. (Reciclagem no Condomínio Machado de Assis, 2019)

Nesse sentido, os integrantes do MTD que trabalham com a reciclagem, mostraram que a história da reciclagem no condomínio é fruto de uma mobilização, organização dos integrantes em prol de mudanças que possibilitem a resolução de distintos problemas.

### 3.2 Reciclagem e luta por direitos

O relatório de sistematização (2019) faz referência à importância da reciclagem no condomínio quando seus participantes afirmam que ela ajuda as pessoas a terem consciência sobre a coleta seletiva, a reserva do óleo de cozinha e o reaproveitamento deste para o sabão ecológico feito pelas mulheres. Afirma ainda que o Machado de Assis, com a participação efetiva dos moradores no MTD, demonstra ser um modelo de organização que pode inspirar outras iniciativas.

A forma como esses trabalhadores e trabalhadoras sistematizam as etapas pelas quais o lixo passa, para onde vai depois de ser separado dentro da casinha, o retorno financeiro que vem de seu trabalho e a remuneração adquirida das empresas, parece lúcido em suas falas. Eles compreendem efetivamente todas as etapas, inclusive sobre o que serve para ser reciclado ou não.

Percebemos que, muito embora, eles tenham se apropriado de todo conhecimento da totalidade das tarefas e processos pelos quais os materiais com os quais eles trabalham precisam passar, eles pouco problematizam uma série de condições implícitas no processo da reciclagem.

Por que existem materiais que são perfeitamente recicláveis e não são aceitos pelas empresas de reciclagem? Estariam elas realmente preocupadas com a questão ambiental? Estariam elas preocupadas com as condições de trabalho precárias, as ameaças à saúde que esses trabalhadores são submetidos para que consigam negociar esses materiais? Como afirma Leal (2015), é um fato que nem todos os resíduos atraem a atenção e o interesse das empresas

Comentado [1]: Frase incompreensível

recicladoras, mas apenas aqueles que garantem maior lucratividade, perpetuando-se na mesma lógica de qualquer outra atividade industrial inserida no capitalismo.

Assim, somente aqueles materiais que reúnem todas as condições necessárias ditadas pelo mercado, como o baixo custo e grande oferta da matéria prima, mercado consumidor garantido, são alvos da indústria da reciclagem. Pouco importa se são esses que trazem maiores ou menores prejuízos ao ambiente. Assim, se o papel reciclado é certeza de bons negócios recicla-se o papel, se a reciclagem de um outro material qualquer não dá lucro, o melhor é enterrá-lo. (LEAL, 2015, p. 181).

Uma parte considerável dos trabalhadores da reciclagem vivem na informalidade e vivenciam uma precarização absoluta das condições de trabalho, com altos riscos de doenças. Embora os trabalhadores do condomínio não se sujeitem aos riscos extremos que vivenciam os catadores que trabalham de maneira autônoma e individual, ainda assim, os vivenciam em menor proporção.

O lucro obtido pelas empresas advém de uma exploração da informalidade na qual a maioria desses trabalhadores se inserem. Pagam quantias irrisórias e lucram muito em cima da força de produção daqueles que se dedicam a muitas horas de trabalho sob o sol carregando quantidades absurdas de peso.

[...] o trabalhador catador é exposto a riscos à saúde, a preconceitos sociais e à desregulamentação dos direitos trabalhistas, condições que são extremamente precárias, tanto na informalidade de trabalho, quanto na remuneração. Além disso, os catadores não têm acesso à educação e ao aprimoramento técnico. Paradoxalmente, mesmo ocorrendo nas condições demonstradas, que são bastante adversas, a catação possibilita a sobrevivência de muitos trabalhadores, que se encontravam excluídos e sem alternativas para a subsistência. Lentamente, os catadores buscam se organizar em cooperativas e associações, visando melhores condições de trabalho. (MACÊDO, MEDEIROS, 2006, p. 66)

Além disso, são poucas e insuficientes, as iniciativas governamentais que buscam a melhoria das condições de trabalho, de remuneração e de qualidade de vida. Resumidamente, são profissões essenciais para a diminuição dos impactos ambientais, a limpeza das ruas, mas contraditoriamente o reconhecimento é praticamente nulo, não só pelo Estado, mas pela sociedade como um todo.

Essa situação desumana na qual se encontram os trabalhadores, repleta de preconceito e precarização, gera diversas reflexões sobre o funcionamento da sociedade e sobre como é possível alterar não apenas esse cenário específico, mas também a infraestrutura. Para isso, é preciso uma análise mais radical desses problemas.

Primeiramente, faz-se necessário resgatar a fala de Ray Lima feita no Tempo Escola durante uma roda de conversa por meio da qual foi possível discutir, reconhecer e problematizar os produtos das sistematizações, bem como as experiências das quais partiram. Sua fala me possibilitou uma profunda reflexão: o correto seria se não produzíssemos mais lixo. Esta parece uma maneira extrema de se pensar quando se está imerso em uma sociedade capitalista, fechada para qualquer construção que fuja desse sistema de consumo no qual absolutamente tudo é mercadoria, inclusive, os trabalhadores e os materiais que coletam.

É persistente uma tendência do ser humano naturalizar e normatizar o seu tempo histórico e contexto social. Talvez, por isso, seja tão difícil vislumbrar outras formas de se viver, de se existir e resistir.

Na especialização, eu pude presenciar, de maneira palpável e significativa, experiências que são radicalmente distintas da forma de viver que se encontra presente no imaginário das pessoas. No TE, pudemos adentrar em espaços onde se produz pouco ou nenhum lixo. Tivemos a oportunidade de visitar o Núcleo de Estudos e Práticas Permaculturais do Semiárido - NEPPSA, localizado dentro da Universidade Estadual do Ceará, em Fortaleza. Um lugar inspirador, onde se pode ver diferentes práticas sustentáveis que demonstram as possibilidades de viver de maneira ecológica, saudável e respeitosa com o planeta e os animais. Tivemos contato também com os produtos agroecológicos, livres de exploração humana e de agrotóxicos na Feira do Movimento Sem Terra - MST ocorrida no Frei Humberto em Fortaleza.

O contato com tais experiências, que não surgem do nada, mas sim de uma construção coletiva possibilitou uma visão mais esperançosa da vida. Mostra que é possível transformar muita coisa e que isso já está acontecendo. Antes mesmo de mudar-se o sistema, é possível resistir nele e, com isso, torná-lo obsoleto.

É um fato que as pessoas que trabalham com o lixo atuam de maneira importante na redução dos danos ambientais, entretanto, agem de maneira reformista às condições graves de consumo que a humanidade adquiriu no decorrer de sua história. As mudanças climáticas e a crise do capital irão exigir, na materialidade, respostas mais radicais para a superação definitiva dos problemas do tempo presente adquiridos neste modo de produção. Querido (2016, p. 25), expressa essa emergência quando diz que, sob o domínio de “uma produção



destrutiva cada vez maior e (...) irremediável, assiste-se a emergência de uma verdadeira “crise civilizatória”, insolúvel, incontrolável (...) insuperável nos limites do sistema social estabelecido”.

Dessa maneira, o capital e suas crises unidos às mudanças climáticas que poderão agravar ainda mais essas crises, exigem uma ação mais radical para que tais problemas sejam amenizados.

Quando utilizo a expressão reforma, é por ela ser muito referenciada, nas Ciências Humanas, como ações que não chegam à raiz dos problemas, embora os amenizem. Salem (2008) traz esse conceito no livro “Lenin e a Revolução”, onde diferencia uma mudança reformista, de uma mudança não reformista. Na primeira, o poder permanece ainda na classe dominante, enquanto, na segunda, passa às mãos de uma nova classe.

A questão ambiental não está desconexa da econômica, pelo contrário, são indissociáveis. Ora, no modelo econômico capitalista a prioridade é lucrar, não se importando com as condições de vida daqueles que vendem sua força de trabalho. O meio ambiente, por sua vez, sofre com uma lógica semelhante, já que assim como os trabalhadores, é visto sob uma perspectiva cruel de exploração sem limites. A reificação dos indivíduos e a visão exploradora da natureza, expõem a cultura reforçada pelo capital, de que tudo é mercadoria, inclusive a vida.

A classe dominante, portanto, despreza a vida, enaltece o lucro. No Brasil, nos tempos atuais, por exemplo, a burguesia e seus representantes, apoiam que as pessoas voltem às atividades comerciais normalmente em plena pandemia da COVID - 19. Esse é um dos muitos fatos possíveis de notar na realidade para mostrar que esse modelo econômico é desumanizante.

Uma visão mais respeitosa de uma relação homem-natureza e fim da exploração do homem sobre o homem, dá-se por meio de uma ruptura do sistema capitalista. Passar o poder das mãos dos opressores, para as mãos dos oprimidos para que eles possam libertar a si mesmos e os opressores. Como afirma Freire (1978) , somente os oprimidos podem conseguir se emanciparem e extinguir essa relação opressora. Essa é a medida não reformista.

Em vista disso, as raízes dos problemas, de maneira geral, não são combatidas com a reciclagem, já que ela, por si só, não rompe com o modelo

econômico capitalista que expressa essa relação desrespeitosa com os trabalhadores e a natureza.

A conjuntura necessita de mudanças mais radicais que atinjam a infraestrutura, que mude o modo de produção por um que não coloque o lucro como uma prioridade, mas sim a vida. Que o lucro nem mesmo exista. Que se materialize uma nova relação entre humanidade e natureza, onde o respeito, a solidariedade sejam uma base da práxis.

Um conceito importante que pode contribuir para compreensão das ações do MTD é a contra-hegemonia. Fernandes (2019) diz que ela pode causar danos efetivos no status quo, entretanto, sozinha não é capaz de criar uma hegemonia. Ela descreve que as ações contra-hegemônicas como enfrentamentos pontuais, são facilmente desmontadas na renovação hegemônica da ordem, sendo colocadas fora da necessidade revolucionária. Cita que nem sempre a contra-hegemonia é radical, uma política de resistência que se contrapõe ao sistema atuando, muitas vezes, por necessidade, sem estabelecer uma ruptura com ele.

O que é radical inclui aquilo que é contra-hegemônico, mas sem excluir a busca pela construção de uma nova hegemonia, mantendo viva a utopia (FERNANDES, 2019). O MTD, portanto, no que concerne à reciclagem, age de maneira contra-hegemônica com potencial de construção de uma contra-hegemonia radical, acompanhada de busca por uma nova hegemonia.

Apesar das reformas serem insuficientes para romper com a infraestrutura, elas são importantes. Afinal, os revolucionários não devem renunciar à luta pelas reformas, mas é uma ingenuidade, acreditar que é possível abrir as alamedas do futuro rumo à ruptura do sistema capitalista por meio delas (SALEM, 2008).

Acrescento que, de maneira geral, o proletário tem, nas suas prioridades, a sobrevivência e sua melhoria da qualidade de vida. Em contrapartida, o modelo econômico vigente tem, no desemprego, uma maneira de baratear salários, tornar o trabalho precário, reduzindo conseqüentemente a qualidade de vida do trabalhador. Nesse contexto, o trabalho da reciclagem é visto, frequentemente, como uma alternativa única para trabalhadores que não veem a quem vender sua força de trabalho.

O trabalho da reciclagem sofre uma desvalorização imensa e, contraditoriamente, é um fato que ela se configura numa atividade que influencia positivamente toda a coletividade. Não apenas a reciclagem é importante, como

devemos defendê-la. Porém, também devemos pensar estrategicamente formas mais sustentáveis de se viver.

Destaco a necessidade de se expandir esse horizonte para uma estratégia que rompa radicalmente com a exploração, a precarização dos trabalhadores e os impactos ambientais. Sei, no entanto, o quão difícil é manter aceso esse objetivo, pois exige consciência de classe, de seu papel no mundo, e, portanto, da importância de sair do individualismo e pensar na coletividade.

Os trabalhadores do MTD parecem estar evoluindo coletivamente. É notório seu engajamento nas manifestações em prol de suas profissões, da educação, saúde, dentre outros. Nas páginas do Facebook, há postagens frequentes sobre as pautas do MTD e suas participações em protestos contra retrocessos democráticos. Nas reuniões, há muito diálogo, respeito à diversidade de opiniões e de entendimento acerca da realidade. Com essas diferenças, todos aprendem e evoluem modificando suas estratégias de luta, organizando-se ainda mais.

A organização política, a mobilização e a conscientização, embora sejam algumas das principais características do MTD no trabalho com a reciclagem, permanecem como desafios, uma visão estratégica e busca de uma práxis radical, para conseguir alcançar as raízes dos problemas. Para trabalhadores de um segmento que sofre com estigmatização e precarização, faz-se necessário engajamento para atenuar as condições difíceis e construir inéditos viáveis. Reflito ainda que essa atividade, mais que um complemento de renda para os trabalhadores, promove práticas que contribuem para a redução de danos no meio ambiente.

### **3.3 Os desafios do trabalho com a reciclagem**

Trabalhar com o lixo é lidar diretamente com aquilo que fora rejeitado, que as pessoas não consideram ter serventia. Quando o lixo é posto para fora das casas, de uma maneira geral, o intuito é livrar-se de um problema. Tanto é que esses materiais são chamados de rejeitos. No ato de tentar livrar-se, a população entra num fenômeno de alienação daquilo que descarta.

As pessoas, no geral, não se interessam para onde vai o lixo, não querem estar perto dele, não querem saber por cujos processos ele passa e nem como é o trabalho das trabalhadoras e trabalhadores que vivem desses descartes. Segundo

Cunha (2011) o descarte gera uma satisfação, uma vez que se livra do que é obsoleto, numa atitude de estar fora do lugar onde ninguém quer estar. “Assim, o lixo é considerado o local dos excluídos e rejeitados, dos que possuem uma identidade social deteriorada” (CUNHA, 2011, p. 5).

Neste contexto, questiono: as pessoas se iludem crendo que, ao colocar o lixo fora de suas casas, os problemas relacionados ao lixo estão resolvidos? O lixo deixará de existir? Depois que os rejeitos entram em um caminhão, o lixo desaparecerá como em passe de mágica? Reflito que não, mas ressalto que compreender os problemas que o lixo ocasiona em outros territórios, como a contaminação do solo e de lençóis freáticos, as condições de trabalho pelas quais as trabalhadoras e trabalhadores do lixo enfrentam e seus riscos com relação à saúde implica profundamente em uma responsabilização. Temos percebido que geralmente as pessoas temem à responsabilização.

Ser responsável, mesmo que seja em algum nível, pelo consumo, por exemplo, pelos rejeitos produzidos ou pelo meio ambiente são algumas maneiras de mobilizar as pessoas para novas atitudes. Isso se faz por meio da conscientização, uma vez que ela possibilita novas formas de pensar e agir: práxis. Ser responsável exige, portanto, sair da zona de conforto, mudar hábitos, ser resiliente diante das dificuldades que se materializam na realidade. Exige um compromisso, o que é imenso desafio. Responsabilizar-se pelo lixo é responsabilizar-se por algo que a maioria rejeita, que ninguém quer estar próximo, é responsabilizar-se por aquilo que é associado a sentimentos de repulsa.

Paulo Freire (1970, p. 8) faz uma importante reflexão acerca da responsabilidade: “Na medida em que se apercebe como testemunha de sua história, sua consciência se faz reflexivamente mais responsável dessa história”. Responsabilizar-se pelo lixo é, à grosso modo, enfrentar aquilo que o ser humano, no decorrer de sua história e com seus acúmulos de conhecimentos, produziu contraditoriamente no momento histórico onde mais se falou de desenvolvimento. O lixo é uma face da humanidade que ninguém quer encarar, todos querem fugir.

[...] num contexto de abundância, de consumo e de risco, os sentidos dados ao lixo não se reduzem a um montante de objetos inúteis e descartáveis. Para o grupo dos catadores de materiais recicláveis, especificamente, o lixo [...] torna-se sinônimo de sobrevivência. É [...] destino e fonte de materiais que podem ser transformados em dinheiro e fonte de renda, garantindo o próprio sustento e o dos familiares. Isso acontece em razão de [...]: o crescimento do colapso ambiental, a falta de

oportunidades no mercado de trabalho formal e, conseqüentemente, a necessidade de obtenção de renda por vias marginais, tendo em vista a baixa escolaridade e experiência dos catadores (CUNHA, 2011, p. 59).

Sobre essa ressignificação que Cunha aponta, é possível observá-la nas falas dos integrantes. Falas que concretizam uma ressignificação que só se mostra possível graças às suas ações coletivas que buscam transformar o lixo em algo além do sentido que o senso comum estabelece. Por exemplo, no vídeo, ao dissertarem sobre o significado do resíduo para eles:

A reciclagem no Machado de Assis é importante porque [...] vai dar às pessoas [...] o conhecimento do que é o resíduo. E a importância do que ele gera. Ele gera economia, ele gera conscientização, ele traz o benefício grande não só para nós do Condomínio Machado de Assis, mas também para exemplo para outros condomínios aí fora que não faz o processo de coleta seletiva. (Reciclagem no Condomínio Machado de Assis, 2019).

Observamos que a palavra lixo, como representante de algo negativo, era, muitas vezes, substituída nos discursos dos trabalhadores e trabalhadoras do condomínio por “rejeitos”, “material reciclável”, “materiais” dentre outros termos. Essa atitude estaria demonstrando o intuito de realizar outra associação aos materiais, ao trabalho, à renda, à reutilização e à conscientização do processo? Embora, a sociedade descarte o lixo sem se importar com seu destino, querendo, possivelmente, livrar-se de um problema, para as pessoas que trabalham com o lixo, entretanto, esses materiais não se reduzem a um problema, mas representam, também, uma solução para um conjunto de problemas de ordem ambiental e econômica.

É nesse contexto que se inserem os trabalhadores que trabalham com o lixo. Auxiliares de limpeza, catadores e garis são vistos, no imaginário popular, como uma subcategoria de trabalho. É possível citar exemplos que expõem o quão estigmatizados são esses trabalhadores e as associações negativas que fazem as suas funções. Dificilmente uma criança responde à pergunta sobre qual profissão quer seguir quando tornar-se adulta com: “Quero ser auxiliar de limpeza!”, “Quero ser gari!”. As crianças podem estar associando essas profissões a algo não desejável justamente por não passar um prestígio, ser desvalorizado. Esse estigma é frequentemente reforçado quando a família diz à criança que é preciso estudar para não tornar-se um gari.

Leal (2015) afirma que o trabalho de catação de resíduos sólidos não é

oriundo simplesmente da vontade dos trabalhadores, trabalhar com o lixo é, às vezes, a única alternativa frente às dificuldades de se conseguir emprego e renda, já que boa parte desses trabalhadores têm baixa ou nenhuma escolaridade e acrescenta:

De fato, esse trabalhador completa e faz parte de uma engrenagem muito mais ampla e complexa do que podemos imaginar ou conceber a partir da observação empírica e superficial das atividades e das condições de vida desses trabalhadores. Essa organização é composta por uma série de outros participantes, que desempenham atividades e papéis dos mais diferenciados, compondo um imenso circuito produtivo, ou a cadeia produtiva ligada à reciclagem, em que o catador de material reciclável ocupa um lugar de importância. No entanto, contraditoriamente, trabalha em condições precárias, subumanas e não obtém ganho que lhe assegure uma sobrevivência digna. (LEAL, 2015, p. 180)

É importante diferenciar o trabalho do catador que não é membro de uma cooperativa daquele que é. No caso do condomínio, o trabalho é organizado como cooperativa. Os ganhos são divididos entre os trabalhadores e ainda há uma contribuição da comunidade no trabalho da coleta seletiva, o que não é presente no trabalho como catador nas ruas. Na experiência de reciclagem no condomínio Machado de Assis, não apenas os trabalhadores da reciclagem participam do processo, uma vez que todos os moradores são convidados e motivados a participarem do processo por meio da coleta seletiva.

O vídeo da sistematização expressa uma angústia presente nos trabalhadores: apesar da ajuda na separação de resíduos ser algo bastante presente no condomínio, durante todos os encontros da sistematização, os trabalhadores relataram, com frequência, a dificuldade de mudança de hábitos de alguns moradores. Alguns não separavam o lixo seco do molhado, nem orgânico do inorgânico.

No relatório de sistematização (2019), são citadas tais problematizações. Tivemos muitas conversas acerca do assunto e perguntamos sobre suas causas. Perguntamos, durante a sistematização, por exemplo, se antes da capacitação do DIST, eles tinham esse costume de fazer a separação do lixo e alguns responderam que não. Outros disseram que já tinham essa consciência, porque já trabalhavam com reciclagem ou conheciam alguém que trabalhava. Esse contato direto permitiu que a mudança de hábito ocorresse de uma maneira menos difícil.

Percebemos que muitos moradores, talvez, por não terem feito o curso pelo DIST ou não terem aproximação com o trabalho da reciclagem, mostram-se

alheios a essa vivência, dificultando mudanças de atitudes que facilitem as condições de trabalho dos recicladores do condomínio. Sobre essa questão, uma das trabalhadoras no vídeo afirmou que, antes de trabalhar com a reciclagem, não sabia o que era a reciclagem, só foi compreender quando passou a atuar nesse campo (Reciclagem no Condomínio Machado de Assis, 2019).

Mesmo diante da resistência de alguns às mudanças, é possível afirmar que a experiência de reciclagem, no condomínio, apresenta singularidades. O engajamento comunitário é organizado em prol da atividade de reciclagem, visto que a experiência se distancia da atitude individualizante do sujeito que trabalha com resíduos e os separa, sendo o único responsável pelo transporte e coleta. A ideia neste contexto é de uma educação voltada a toda a comunidade. Nos discursos, estão presentes, o cuidado com o meio ambiente e a contribuição comunitária da atividade. A responsabilidade passa a ser coletiva. No vídeo, uma das participantes argumenta que “[...] já estamos em débito com as questões ambientais e a população tem que assumir o seu papel” (Reciclagem no Condomínio Machado de Assis, 2019).

Outro ponto relevante seria os motivos pelos quais a comunidade não se engaja. Algumas observações são importantes de serem colocadas aqui e que reforçam a tese de que existe um estigma com as pessoas que trabalham com o lixo. O Relatório de Sistematização (2019), atenta para um fato importante: quando dois jovens se interessaram em trabalhar na reciclagem, foram muito bem acolhidos pela cooperativa, porém, poucas semanas depois, eles desistiram do trabalho e a justificativa foi clara, o baixo retorno financeiro. Ao contarem sobre o assunto, alguns afirmaram que, além desse fator, essa profissão não tem uma posição de destaque, o que pode trazer consigo, estigma.

Ainda para reforçar esse ponto, juntamente com o treinamento do DIST para a reciclagem, foi oferecida também por ela, um treinamento de compostagem, entretanto, não teve qualquer interesse da comunidade do condomínio, inclusive pelos trabalhadores da reciclagem. Essa questão mostra que, embora exista um interesse real de se contribuir para um mundo mais sustentável, as questões econômicas se sobrepõem, exigindo um direcionamento da atenção desses sujeitos às atividades que podem gerar mesmo que minimamente um retorno financeiro e, assim, melhoria da qualidade de vida. Portanto, embora exista um empenho e militância da comunidade do MTD em

relação às questões ambientais, a vida cotidiana exige o direcionamento a atividades que contribuam à sobrevivência, sustento da família.

Outro ponto relevante é a justificativa da higiene, da limpeza do território para a execução da atividade. No vídeo, essa justificativa é bastante presente. Uma das integrantes, por exemplo, diz que a importância da reciclagem é que “limpa o meio ambiente, fica limpo, fica tudo em ordem, a importância é essa” (Reciclagem no Condomínio Machado de Assis, 2019).

Pudemos perceber efetivamente, dentro do condomínio, um zelo, um cuidado com a limpeza do ambiente. Muito dificilmente, vemos lixo espalhado. Contraditoriamente, é possível observar muita sujeira e lixo espalhado, tanto no território próximo ao condomínio como em quase toda a região de Messejana e do Jangurussu. Desde os incêndios de caminhões de lixo durante revoltas de grupos associados às facções no município de Fortaleza, carece de coleta de lixo realizada por caminhões nessas regiões. Curiosamente, são nos bairros de menores Índices de Desenvolvimento Humano - IDH que esse problema é mais frequente.

Foi relatado também que, dentre todos os condomínios que compõem o conjunto habitacional, essa atividade de coleta seletiva e reciclagem foi experienciada apenas no condomínio Machado de Assis. Por conta disso, nas proximidades, fora dos muros do condomínio, apresenta-se um imenso contraste, uma vez que, nestes lugares, o lixo é descartado de qualquer jeito, tornando as ruas sujas, causando uma série de problemas, principalmente de saúde à população.

Quando perguntamos os motivos de essa experiência ter sido exitosa lá e nos outros condomínios não, as respostas dos trabalhadores eram semelhantes. A militância do MTD teria possibilitado um olhar para a coletividade e a união como estratégia para superar as dificuldades diárias e encontrar soluções para os problemas cotidianos.

Inicialmente, a habitação apresentou-se como uma prioridade de luta. O direito à moradia, saindo de condições insalubres de habitação e de um aluguel inviável para as condições financeiras dos militantes foi o que os impulsionou a pensar em alternativas e formas de reivindicações por direitos de habitação. Posteriormente, ao conquistarem esse objetivo, preocuparam-se em atividades de



lazer e cultura para os jovens, luta por educação pública de qualidade, por saúde, e, como consequência, a higiene do condomínio.

Sobre a questão da saúde, é possível inferir que as condições de trabalho no condomínio são melhores que as da maioria dos catadores que trabalham de maneira individual ou coletiva, uma vez que o processo de separação dos materiais inicia-se nas residências e os catadores orientam que seja separado o lixo orgânico do inorgânico. A separação mais complexa, na qual é analisada o que se pode ou não reciclar, ou por exemplo, pelas cores das garrafas pet, é feita pelos trabalhadores dentro da casinha de reciclagem. Dessa maneira, há uma maior proteção, menor risco de contaminação e ferimentos no manuseio dos materiais. Entretanto, foi possível perceber que os trabalhadores carecem de materiais que possam proteger de cortes, contato com sujeira, mal cheiros, como luvas, máscaras, dentre outros objetos. Apesar de não terem relatado, esse contato demonstra-se arriscado, já que pode gerar problemas com doenças de pele e tétano.

Trabalhar com a reciclagem além de ser arriscado para a saúde, é uma atividade estigmatizada. Uma maneira de contribuir para a redução do preconceito e até mesmo riscos à saúde é a participação ativa da comunidade no processo, contribuindo com a coleta seletiva. Essa estratégia tem sido amplamente utilizada pelo MTD e têm mostrado avanços, embora a resistência de alguns moradores seja presente. Para mobilizar os moradores, o movimento tenta dialogar, fazer gincanas com atividades culturais para melhorar o engajamento. A luta pela mobilização e participação da comunidade é também uma luta por conscientização coletiva e isso é um processo que demanda tempo, diálogo e análise que os trabalhadores construam isso constantemente com suas ações.

#### **4. OS PONTOS DE CHEGADA**

O nosso processo de sistematizar a experiência da reciclagem no condomínio Machado de Assis possibilitou um olhar crítico da realidade. Isto se deu por meio das discussões, rodas de conversa, através dos quais conseguimos enxergar algumas das contradições contidas no processo, as questões individuais e coletivas que permeiam a experiência. Além disso, destaco o aprendizado

possibilitado nas horas de diálogo, na escuta e nas indagações advindas da nossa sede de compreensão de uma construção coletiva da qual não fomos agentes, mas tivemos o privilégio de aprender sobre e inspirar-se.

Os avanços na qualidade de vida dos moradores devido à reciclagem e outras iniciativas só foi possível graças a uma organização em prol dessas pautas. A militância, a luta do MTD, é essencial na construção coletiva do conhecimento do próprio território e nas ações que possibilitam mudanças significativas nele.

A participação da comunidade nesses avanços resulta em melhores condições de trabalho na reciclagem do condomínio. Entretanto, uma das grandes questões mais mobilizadoras de debate é a não adesão da coleta seletiva comunitária de alguns moradores. Em contrapartida, a busca por compreender o motivo desse problema ocorrer, bem como contorná-lo, são presentes. Isso mostra como o movimento busca que as distintas atividades com vistas à promoção de saúde tenham a participação ativa dos moradores do Machado de Assis. O que se constitui como uma objetivação uma procura por participação ampla da comunidade nesses processos, bem como elevação do nível de consciência a ser conquistada a partir dos esforços de atuação na realidade concreta.

Compreendo que uma visão da totalidade foi essencial para o recorte da especificidade. Tendo sido importante trazer aqui neste Trabalho de Conclusão de Curso, elementos importantes para compará-los. No decorrer de todo estudo e observação, o MTD mostrou-se um elemento singular nessa construção. De maneira resiliente, conseguiu conquistar muito, sendo resultado da participação ativa dos sujeitos na luta por melhores condições de vida, trabalho e renda.

A mobilização é muito presente no MTD, as ações são de resistência, contra-hegemonia. Nesse sentido, vejo como essencial uma radicalização que tem como orientação uma nova hegemonia. A potência do MTD apresenta-se como um movimento de relevante mobilização, de vislumbrar um horizonte para além da exploração do homem pelo homem e do homem-natureza, conseguindo constituir uma radicalidade.

Ao término do trabalho, da especialização e da vivência da sistematização, o sentimento que carrego comigo é de gratidão a todo aprendizado, amorosidade e por contribuírem para manter meu esperançar vivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo; SPERANZA, Juliana Simões; PETITGAND, Cécile. **Lixo zero: gestão de resíduos sólidos para uma sociedade mais próspera**. São Paulo: Planeta sustentável: Instituto Ethos, 2013.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In: GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo - SP: Boitempo, 2018. p. 41 - 45.

CUNHA, Marina Roriz Rizzo Lousa da. **Lixo, identidade e trabalho: a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia**. 2011.

FIOCRUZ Ceará abre inscrições para cursos de educação popular e promoção de territórios saudáveis. Agência Fiocruz de Notícias, 2018. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/fiocruz-ceara-abre-inscricoes-para-cursos-de-educacao-popular-e-promocao-de-territorios-saudaveis>>. Acesso em: 11 de dez de 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HOLLIDAY, Oscar Jara et al. Para sistematizar experiências. **João Pessoa: Editora Universitária/UFPB**, 2006.

JINKINS, Ivana e NOBILE, Rodrigo (2011). **Mészáros e os desafios do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo.

LEAL, Antonio Cezar et al. **A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem**. Terra Livre, v. 2, n. 19, 2015.

MEDEIROS, Luiza Ferreira Rezende; MACÊDO, Kátia Barbosa. **Catador de Material Reciclável: uma Profissão para além da sobrevivência?** Porto Alegre. *Psicol. Soc.* vol.18 no.2 May/Aug. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/08.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

MENEZES, Domingos Albano Matos de. **Análise do Gerenciamento de**

**Resíduos em Fortaleza Estudo de Caso Sobre a Estrutura de Limpeza Urbana da Cidade.** 2017.

MENEZES, Hilário José; CARDOSO, Eduardo Schiavone. Território e Territorialização: Questões Conceituais para uma Abordagem e Leitura dos Movimentos Sociais. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 18, n. 3, 2017.

**O que é Minha Casa Minha Vida.** Caixa, 2020. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/urbana/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 3 maio de 2020.

QUERIDO, Fabio Mascaro. **Michael Löwy: marxismo e crítica da modernidade.** Boitempo Editorial, 2016.

Reciclagem no condomínio Machado de Assis. **Youtube**, 10 de out. de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yQdGgBQpCKM>>. Acesso em: 23 maio de 2020.

Relatório de Sistematização de Experiências no Condomínio Machado de Assis. Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ - CE, 10 de out. de 2019.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira.** Autonomia Literária, 2019.

SALEM, Jean. **Lênin e a revolução.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

TONET, Ivo; LESSA, Sérgio. **Introdução à filosofia de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

WALDMAN, M. **Lixo: cenários e desafios.** São Paulo: Cortez, (2010)

ZANIN, Maria; MANCINI, Sandro Donnini. **Resíduos plásticos e reciclagem: aspectos gerais e tecnologia.** SciELO-EdUFSCar, 2015.